



**ALFABETIZAR LETRANDO:
UM OLHAR PARA AS PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA
DESENVOLVIDAS COM ESTUDANTES DO 2º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

*SCHOOLING AND LITERACY DEVELOPMENT: AN ANALYSIS OF READING
AND WRITING PRACTICES WITH 2ND-GRADE ELEMENTARY SCHOOL
STUDENTS*

Gleiciane de Souza Feitosa 1
Silvia Regina Marques Jardim 2

Resumo: *Este trabalho discorre sobre as práticas pedagógicas de leitura e escrita no processo de alfabetização e letramento. Para isso, foi questionado como acontecem as práticas pedagógicas de leitura e escrita desenvolvidas no processo de alfabetização e letramento em uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental da única escola pública, na cidade de Elísio Medrado - BA. O objetivo geral foi analisar como ocorrem as práticas pedagógicas de leitura e escrita. Um dos objetivos específicos foi descrever e analisar as práticas de leitura e escrita desenvolvidas pela professora na turma. O estudo foi fundamentado a partir de estudiosos/as como: Soares (2003; 2004; 2016; 2020), Tfouni (2006), Ferreiro e Teberosky (1999), entre outros. Na metodologia incluem observação em sala, análise documental e entrevista semiestruturada. Foi verificado que a professora “timidamente” diferencia alfabetização de letramento, utiliza gêneros textuais nas atividades de leitura e escrita e, muitas vezes, faz uso do livro didático.*

Palavras-chave: *Alfabetização. Letramento. Práticas pedagógicas.*

Abstract: *This study examines the pedagogical practices of reading and writing in the processes of schooling and literacy. The research investigates how these practices are implemented in the schooling and literacy development of a 2nd-grade class at the only public school in the city of Elísio Medrado, Bahia. The general objective was to analyze how reading and writing practices are carried out in this educational context. One of the specific objectives was to describe and analyze the strategies used by the teacher in the classroom to foster both foundational reading and writing skills (schooling) and broader literacy competencies. The study is based on scholars such as Soares (2003; 2004; 2016; 2020), Tfouni (2006), Ferreiro and Teberosky (1999), among others. The methodology includes classroom observation, document analysis, and semi-structured interviews. The findings indicate that the teacher makes a subtle distinction between schooling and literacy, incorporates textual genres in reading and writing activities, and frequently relies on the textbook.*

Keywords: *Schooling. Literacy. Pedagogical practices.*

-
- 1** Mestranda em Ensino pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e Graduada em Letras pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6738695048339908>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9132-0605>. E-mail: cianesfeitosa@gmail.com
- 2** Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Graduada em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6176182159222282>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7454-9077> E-mail: silvia.regina@uesb.edu.br

Introdução

Esta pesquisa tem como temática a reflexão para as práticas escolares de leitura e escrita. Especificamente é um estudo que investiga como se dão os processos de alfabetização e de letramento em uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental (EF), da rede pública municipal de ensino, na cidade de Elísio Medrado, localizada no interior do estado da Bahia.

A base de produção de dados para desenvolver esse estudo se constituiu por uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso. Essa decisão se deu pelo fato de que a escola escolhida para realizar a pesquisa tem como particularidade ser a única do município, na zona urbana, que atende o primeiro e segundo ano do Ensino Fundamental, além do fato de encerrar suas atividades letivas no segundo ano do Ensino Fundamental. Os estudantes aprovados para o terceiro ano são encaminhados para outra escola que atende aos terceiro, quarto e quinto anos. Ressalto que nesta escola há um docente para cada disciplina escolar, diferentemente do que é normalmente utilizado no Ensino Fundamental nos anos iniciais, em que os estudantes têm a maior parte das disciplinas com um(a) único(a) professor(a), no Estado da Bahia.

Neste estudo, busquei investigar como funciona, na prática, a aprendizagem da leitura e da escrita no processo de alfabetização e na perspectiva do letramento. Diante disso, procurei fundamentos para o tema em autores como Tfouni (2006), a qual se refere à alfabetização como a aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as práticas de linguagem que ficam a cargo da escola. O letramento, por sua vez, evidencia os aspectos sócio históricos do aprendizado de um sistema escrito por uma sociedade.

As concepções dessa autora se relacionam com as de Soares (2003) quando afirma que a alfabetização integra o processo de aquisição do sistema convencional de escrita. Já o letramento compreende o desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema nas atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que englobam a língua e a escrita.

Coaduno com Soares (2004), para afirmar que a aprendizagem da leitura e da escrita deve acontecer de duas formas: mediante o ensino técnico e por meio dos usos sociais da escrita. Neste sentido, não é aconselhável considerar a técnica e o uso social da escrita de modo dissociável, pois estas devem ser organizadas de forma simultânea.

Ainda de acordo com a autora, “as duas aprendizagens se fazem ao mesmo tempo, uma não é pré-requisito da outra.” (p.2). O ensino técnico decorre de desde quando a criança aprende a pegar corretamente o lápis e vai se estendendo ao aprender quando a criança aprende os sons das letras do alfabeto (fonemas) e os converte em grafemas (alfabetização). Os usos sociais ajudam os alunos a aprender como a linguagem é usada no mundo social para vários propósitos. Porém, esse aprendizado só terá sentido se for estabelecida a conexão entre a alfabetização e a prática social da escrita (letramento).

Para fundamentar este estudo utilizei como apoio autoras da área de estudo relacionados à alfabetização, como: Ferreira e Teberosky (1999), Ferreira (2001), Mortatti (2000) e Soares (2004); e, na área de alfabetização associada com o letramento: Soares (2003; 2016; 2020) e Tfouni (2006).

Dentro do cenário formal de alfabetização (Tfouni, 2006), há impasses e desafios naturais que pertencem à rotina da professora alfabetizadora¹, como as dificuldades dos estudantes presentes no processo de leitura e escrita. Uma vez que, se essas dificuldades não forem sanadas, é possível que ocorram repetições de ano, podendo chegar à evasão escolar, e essa está condicionada ao “fracasso escolar” (Ferreira; Teberosky, 1999).

Essa pesquisa justifica-se: pelos estudos que abordam as práticas pedagógicas de leitura e escrita, especificamente no que se refere ao processo de alfabetização e letramento; pela necessidade de atribuir visibilidade para a questão da não aprendizagem; por fortalecer meus conhecimentos com novos estudos, no que diz respeito ao ensino e a aprendizagem da leitura e escrita. E, a intenção de conhecer a realidade e a particularidade da escola da pesquisa, a qual é a única da cidade que atende ao público de estudantes do primeiro e segundo ano do EF.

Para este estudo foi feito o seguinte questionamento: como acontecem as práticas pedagógicas de leitura e escrita aplicadas no processo de alfabetização e letramento em uma

1 Utilizo a palavra no termo feminino por acreditar que as mulheres são predominantes na profissão do magistério.

turma da única escola pública voltada para o 2º ano do Ensino Fundamental, na cidade de Elísio Medrado - BA? Para responder tal indagação tive como objetivo geral analisar como ocorrem as práticas pedagógicas de leitura e escrita aplicadas no processo de alfabetização e letramento em uma turma da única escola pública voltada para o 2º ano do Ensino Fundamental na cidade de Elísio Medrado-BA. Um dos objetivos específicos foi descrever e analisar as práticas de leitura e de escrita desenvolvidas pela professora nesta turma.

Metodologia

Para a produção deste trabalho, empreguei uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso. De acordo com Guerra (2014), na pesquisa qualitativa, o que realmente interessa são as pessoas e os assuntos em discussão, sendo que o estudo precisa ser feito pensando em extrair a essência do fenômeno. Neste sentido, o autor afirma que,

na abordagem qualitativa, o cientista objetiva aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda – ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente ou contexto social –, interpretando-os segundo a perspectiva dos próprios sujeitos que participam da situação, sem se preocupar com representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito. Assim sendo, temos os seguintes elementos fundamentais em um processo de investigação: 1) a interação entre o objeto de estudo e pesquisador; 2) o registro de dados ou informações coletadas; 3) a interpretação/explicação do pesquisador (p.11).

Considerando que, na perspectiva qualitativa, o investigador procura aprofundar sua análise por meio da compreensão aprofundada dos fenômenos em estudo, meu objetivo é analisar as práticas relacionadas ao ensino da leitura e escrita no contexto do ambiente escolar voltado para o aprendizado inicial da língua escrita. Nesse sentido, busquei não apenas compreender, mas também analisar as dinâmicas envolvidas no processo de aprendizagem da leitura e escrita.

No que se refere ao estudo de caso, busquei apoio nas palavras de Dooley (2002), em que apresenta que a vantagem do estudo de caso é a sua aplicação a questões humanas, a situações contemporâneas de vida real. Para Dooley (2002),

investigadores de várias disciplinas usam o método de investigação do estudo de caso para desenvolver teoria, para produzir nova teoria, para contestar ou desafiar teoria, para explicar uma situação, para estabelecer uma base de aplicação de soluções para situações, para explorar, ou para descrever um *objecto ou fenómeno* (p. 343-344).

A partir das observações do autor, decidi pelo estudo de caso por entender que essa estratégia é mais apropriada para o meu objeto de estudo, que é a compreensão das práticas pedagógicas de leitura e escrita aplicadas no processo de alfabetização e letramento.

Pensando na minha interação enquanto pesquisadora e objeto de estudo, usei a pesquisa de campo. Segundo Tozoni-Reis (2009), a pesquisa de campo

[...] caracteriza-se pela ida do pesquisador ao campo, aos espaços educativos para a coleta de dados, com o objetivo de compreender os fenômenos que nele ocorrem. Pela análise e interpretação desses dados, a pesquisa poderá contribuir para a construção do saber educacional e o avanço dos processos educativos (p. 28).

Neste sentido, indo ao campo de pesquisa, procurei conhecer como ocorrem as práticas de alfabetização e letramento no 2º ano do Ensino Fundamental, em uma escola específica.

Além disso, foi indispensável realizar também uma pesquisa documental, que segundo Tozoni-Reis (2009), “significa dizer que a busca de informações (dados) sobre os fenômenos investigados é realizada nos documentos, que exigem, para a produção de conhecimentos, uma análise” (p. 30).

Neste estudo, utilizei como fonte documental planos de aula e atividades utilizadas pela docente colaboradora, assim como o Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição de ensino.

Conforme apontado por Lüdke e André (1986), a análise documental representa uma técnica valiosa para a investigação de dados qualitativos. Isso se justifica pelo fato de que é possível revisitar os documentos repetidas vezes, proporcionando uma maior estabilidade nos resultados obtidos ao longo da pesquisa. Neste estudo específico, a análise do planejamento da professora alfabetizadora foi importante para estabelecer conexões com os registros das práticas pedagógicas identificadas em sala de aula.

Para dar início à produção dos dados, escolhi um dos elementos fundamentais para coletar informações: a observação em sala de aula, combinada com diferentes instrumentos de coleta de dados, como o registro em diário de campo, análise de documentos e realização da entrevista. Segundo Santos (2002, p. 29), os “procedimentos de coleta são os métodos práticos utilizados para juntar as informações necessárias à construção dos raciocínios em torno de um fato/ fenômeno/ processo”.

Para isso, inicialmente inseri-me no espaço escolar e observei as aulas de língua portuguesa, durante uma unidade letiva (3 meses). A observação ocorreu durante o ano letivo de 2023, período no qual acompanhei 2 horas/aula de Língua Portuguesa, na turma do 2º ano do Ensino Fundamental, ministrada pela professora alfabetizadora participante deste estudo. Desse modo, os registros foram realizados duas vezes por semana, às segundas e terças-feiras.

O registro dos dados da observação foi feito através de anotações em um “diário de campo”, no qual foram inseridos o detalhamento acerca dos aspectos observados e das experiências vividas no espaço de estudo. Esses registros foram feitos durante todo o processo de observação. De acordo com Tozoni-Reis (2009, p. 29), “observação é a técnica de coleta de dados por meio da qual o pesquisador assume o papel de observador sem nenhuma intervenção intencional no fenômeno observado”. Logo, a observação se importa em valer-se dos sentidos para interpretar e colher informações rotineiras.

O segundo instrumento para elaboração dos dados foi a análise documental. Desse modo, analisei os recursos didáticos empregados pela professora, como o livro didático, os planos pedagógicos, Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola e outros materiais complementares que ela utilizou. Segundo Lüdke e André (1986), a análise de documentos é uma técnica importante para examinar dados qualitativos, pois permite consultar os documentos repetidas vezes, proporcionando maior consistência nos resultados ao longo da pesquisa. No contexto específico aqui mencionado, a análise do planejamento curricular da professora alfabetizadora foi crucial para relacionar-se com os registros das práticas pedagógicas observadas em sala de aula.

A execução da entrevista semiestruturada foi a última fase deste estudo, com o intuito de examinar as práticas pedagógicas de leitura e escrita, tirar dúvidas com a professora com base em questões orientadoras do trabalho e nos elementos percebidos durante as aulas de Língua Portuguesa, assim como na análise de documentos.

Os dados obtidos foram organizados e catalogados, para posterior análise. Para isso, usei a técnica da Análise de Conteúdo. Bardin (1977) define a Análise de Conteúdo como:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (p. 42).

Nessa análise, são determinadas três fases para organização dos dados: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação (Bardin, 1977).

Na pré-análise, organizei os materiais para análise. Para Bardin (1977), nessa etapa prepara-

se os materiais, seleciona-se os documentos e faz-se uma “leitura flutuante” para constituir um *corpus* com base na exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência. Durante a exploração do material, fiz a codificação e a categorização. A definição das categorias foi feita à posteriori, com base na análise dos dados. O tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação foram realizadas, buscando fundamentos com os teóricos que adotei para estudar e desenvolver este tema.

Processo de aprendizagem do sistema de escrita

Para falar sobre alfabetização, é necessário escrever sobre as pesquisadoras Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999), as quais inovaram o conhecimento que se tinha sobre a aquisição da leitura e da escrita, ao lançarem o livro “Psicogênese da língua escrita”.

As reflexões deste livro são baseadas em um trabalho experimental que as autoras realizaram em Buenos Aires, durante os anos de 1974 a 1976. O livro evidencia uma investigação que tornou possível, pela primeira vez, a descrição do processo de aquisição da língua escrita, uma espécie de marco divisor na história da alfabetização. O conhecimento surge como algo a ser construído pelo indivíduo, que começa a ser enxergado como sujeito e não como objeto no processo de aprendizagem. As autoras foram motivadas a escrever o livro a partir dos altos índices de fracasso escolar apresentados na Argentina (Ferreiro; Teberosky, 1999).

Ferreiro e Teberosky (1999) relatam em sua obra resultados obtidos com crianças de 4 a 6 anos de classes sociais diferentes sobre uma exploração acerca da escrita da criança, sendo que diante dos resultados obtidos permitiram definir em cinco níveis. No nível 1, “escrever é reproduzir os traços típicos da escrita que a criança identifica como a forma básica da mesma [...]. A escrita não pode funcionar como veículo de transmissão de informação: cada um pode interpretar sua própria escrita” (p. 193).

Desse modo, grafias maiores ou de maior comprimento do traçado total são obtidas se o objeto for maior, mais comprido, tem mais idade ou há maior número de objetos referidos. Assim, “a criança espera que a escrita dos nomes de pessoas seja proporcional ao tamanho (ou idade) dessa pessoa, e não ao comprimento do nome correspondente” (Ferreiro; Teberosky, 1999, p. 194).

No nível 2, a hipótese central é: “para poder ler coisas diferentes (isto é, atribuir significados diferentes), deve haver uma diferença objetiva nas escritas. [...] cada letra vale como parte de um todo e não tem valor em si mesma” (p. 202). Assim, a forma da grafia é mais determinada e mais próxima a das letras. Em consonância com Ferreiro e Teberosky (1999), nesse nível, a criança apresenta duas características no processo da escrita: quantidades de grafias (nunca menos que 3) e a variedade da grafia.

Já no nível 3, acontece o surgimento da hipótese silábica, em que há a “tentativa de dar um valor sonoro a cada uma das letras que compõem uma escrita, [...] trabalha com a hipótese de que a escrita representa partes sonoras da fala” (p. 209). Nesse mesmo nível, a criança procura efetuar uma correspondência entre grafia e sílaba. As letras já não são percebidas aleatoriamente, mas de acordo com o som percebido nas palavras.

No nível 4, ocorre a passagem da hipótese silábica para a alfabética. Nesse, a escrita é representada algumas vezes por sílabas completas ou incompletas. Ferreiro e Teberosky (1999) abordam que há um conflito entre as formas gráficas que o meio lhe propõe e a leitura dessas formas em termo de hipótese silábica. A descrição da tarefa executada pela criança se dá no sentido de que cada grafia corresponde a um som.

E o nível 5, na concepção das autoras, é a escrita alfabética sobre a qual as autoras dizem que:

[...] a escrita alfabética constitui o final desta evolução. Ao chegar a este nível, a criança já frequentou a ‘barreira do código’; compreendeu que cada um dos caracteres corresponde a valores sonoros menores que a sílaba e realiza sistematicamente uma análise sonora dos fonemas das palavras que vai escrever (p. 219).

Consoante Ferreira e Teberosky (1999), embora o processo de escrita se finda no *nível 5*, isto não quer dizer que as dificuldades da criança tenham sido superadas, pois a partir desse instante a criança encontrará as dificuldades próprias da ortografia, mas não terá problemas de escrita, no sentido restrito. Ela está alfabética, ou seja, compreende como o sistema de escrita alfabética funciona e agora terá o desafio de estudar as convenções ortográficas desse sistema e aprimorar sua fluência leitora e compreensão textual.

Posto isso, o processo de apropriação da escrita não ocorre em um único passo, mas se desenvolve gradualmente à medida que o indivíduo alcança hipóteses, construções e normas, ou seja, decorre por muitas reflexões até chegar ao êxito da escrita. Assim, é importante pesquisar sobre as dificuldades que possam ser identificadas no processo de alfabetização.

Para dar seguimento, no próximo tópico, teço considerações sobre os conceitos de alfabetização e letramento.

Um olhar a respeito das concepções de alfabetização e os estudos sobre o letramento

A aquisição da escrita é um processo gradativo, sendo que uma das formas para que ela se desenvolva é por meio da inclusão de seus sujeitos em práticas sociais de uso da língua que se baseiam na necessidade do discurso, incluindo dois processos de aprendizagem interdependentes: a alfabetização e o letramento.

De acordo com Soares (2020), a alfabetização está relacionada com a aquisição da tecnologia da escrita. A autora explica que a alfabetização constitui o domínio de uma “técnica” chamada escrita. Ou seja, para essa autora,

processo de apropriação da “tecnologia da escrita”, isto é, do conjunto de técnicas – procedimentos, habilidades – necessárias para a prática da leitura e da escrita: domínio do sistema de representação que é a escrita alfabética e das normas ortográficas; habilidades motoras de uso de instrumentos de escrita (lápiz, caneta, borracha...); [...] habilidades de escrever ou ler, seguindo convenções da escrita, tais como: a direção correta da escrita na página (p. 27).

Nessa perspectiva, a escrita necessita de uma organização espacial do texto para a página, ocorrendo o domínio compatível com os objetos que se escreve e que se lê – livro, revista, jornal, papel etc. (Soares, 2020).

Soares (2020) destaca que o ponto de partida para o processo de alfabetização “são os saberes que as crianças, com base em suas vivências no contexto familiar, social e cultural, já trazem quando chegam à instituição escolar” (p. 112). Assim como,

pela mediação da/o alfabetizadora/or, que as acompanha e orienta, elas vão evoluindo em sua compreensão da natureza do sistema de escrita alfabética, em fases que se sucedem segundo seu desenvolvimento cognitivo e psicolinguístico e, como vimos, vão progressivamente tomando consciência de que: a fala se constitui de cadeias sonoras; a língua escrita é a visualização dessas cadeias sonoras; essas cadeias sonoras podem ser segmentadas em palavras, e estas em sílabas; as sílabas se constituem de pequenos sons (fonemas); esses pequenos sons (fonemas) são representados por letras (p. 112-113).

O intuito de promover e guiar esse desenvolvimento desde a educação infantil é possibilitar que a criança, ao compreender plenamente a relação entre fala e escrita, que é a aprendizagem das

correspondências fonema-letra, tornando-se alfabética. Isso é condicionado ao desenvolvimento da consciência fonêmica, também conhecida como consciência grafonêmica, já que as relações entre fonemas e letras são interligadas e ocorrem de forma simultânea.

Em conformidade com Soares, de acordo com Tfouni (2006, p.9), “a alfabetização refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem”. Isso é levado a efeito, em geral, por meio do processo de escolarização e, portanto, da instrução formal”. Ainda conforme a autora,

[...] o processo de representação que o indivíduo deve aprender a dominar durante a alfabetização não é linear (som-grafema); é antes um processo complexo, que acompanha o desenvolvimento, e que passa por estágios que vão desde a micro dimensão (por exemplo, representar o som /s/ com os grafemas ss (osso), c (cena), sc (asceta), xc (exceto), etc.) até um nível mais complexo (representar um interlocutor ausente durante a produção de uma carta, por exemplo) (p. 19).

Do mesmo modo, apesar de considerar que a alfabetização acontece de modo individual, Tfouni (2006) considera que essa ação não se completa nunca, pois a sociedade está em constante processo de mudança e a atualização individual para acompanhar essas modificações deve ser frequente.

Ferreiro (2001) opõe-se ao conceito de alfabetização conhecido como estudo de duas técnicas diferentes esta que é codificar e decodificar a língua escrita (técnica e prática), vendo o professor como o único detentor do conhecimento. A autora defende a tese de que a alfabetização é o oposto do tradicional, uma vez que a considera como o processo de aprendizagem do sistema de escrita alfabética. Tal aprendizagem considera-se como conceitual, pois se dá como meio de interação entre a língua escrita e o sujeito que quer conhecer. Assim, para a autora,

A alfabetização inicial é considerada em função da relação entre o método utilizado e o estado de “maturidade” ou de prontidão da criança. Os dois pólos do processo de aprendizagem (quem ensina e quem aprende) têm sido caracterizados sem que se leve em conta o terceiro elemento da relação: a natureza do objeto de conhecimento envolvendo esta aprendizagem. [...] temos, por um lado, o sistema de representação alfabética da linguagem, com suas características específicas: por outro lado, as concepções que tanto os que aprendem (as crianças) como os que ensinam (os professores) têm sobre este objeto (p. 13).

Desse modo, Ferreiro (2001) explica que se a escrita for compreendida como um sistema de representação, a aprendizagem assume um caráter conceitual, ou seja, torna-se mais do que apenas aprender um código, é a aquisição de um novo objeto de conhecimento. O intuito de dar ênfase à alfabetização inicial, a partir da representação da linguagem, se deu diante da preocupação da autora a respeito do “problema da alfabetização”.

Corroborando os estudos de Ferreiro, Soares (2004) diz que a escrita não se trata da aquisição de um código, pois “um código é, em seu sentido próprio, um sistema que substitui os signos de um outro sistema já existente; ao contrário, o sistema alfabético não é um sistema de substituição de um outro sistema preexistente” (p.1). Sendo assim, “é um sistema de grafemas que representam sons da fala, os fonemas, portanto, um sistema de representação, não um código” (p.1).

Esse sistema de representação se materializa no sistema alfabético, que de acordo com Soares (2004) é um sistema notacional. Portanto, a alfabetização é o processo de aprendizagem do sistema alfabético e de suas convenções.

É importante ressaltar que, na prática educacional, a aprendizagem da língua escrita, ainda que inicial, deve ser abordada como um todo: a alfabetização deve integrar-se ao desenvolvimento das habilidades de uso do sistema alfabético e o letramento; ainda que esses dois processos

tenham características únicas em termos de seus objetos de conhecimento e processos cognitivos e linguísticos de apropriação deles, separá-los faria com que a criança tenha uma concepção desvirtuada e parcial da natureza e das aplicabilidades da língua escrita em nossa cultura (Soares, 2004).

Assim, a alfabetização e letramento são conceitos inter-relacionados, mas que abordam aspectos distintos do processo de aquisição de habilidades de leitura e escrita. A alfabetização refere-se ao aprendizado do sistema alfabético, envolvendo o reconhecimento e a associação entre letras e sons, permitindo que uma pessoa decodifique e codifique palavras. Já o letramento vai além da decodificação, envolvendo a compreensão crítica e reflexiva da linguagem escrita, sua aplicação em diferentes contextos sociais, e a capacidade de interpretar e produzir textos de maneira significativa. Enquanto a alfabetização se concentra nas habilidades básicas de decifrar letras e palavras, o letramento incorpora essas habilidades em práticas mais amplas e contextualizadas, promovendo uma participação mais efetiva e crítica na sociedade letrada.

Apropriação do sistema de escrita - As facetas da alfabetização: linguística, interativa e sociocultural

No desenvolvimento deste trabalho e a apropriação de referencial teórico para conduzir a pesquisa, chamou a atenção o estudo de Soares (2016) ao descrever o que ela considera como facetas da alfabetização e, no processo de produção de dados, as facetas chamaram a atenção. Como a professora contemplava as facetas que envolvem a alfabetização? Isso me levou a pensar nas facetas como categoria para análise dos dados e, agora, procuro desenvolver meu entendimento sobre estes conceitos a fim de compreender meus dados e atender aos objetivos propostos neste estudo.

As facetas da alfabetização discutidas fazem referência aos estudos da autora Soares (2016), são elas: facetas linguística, interativa e sociocultural. Essas três facetas complementam e interagem durante o processo de alfabetização e de letramento, proporcionando um abrangente desenvolvimento da leitura e escrita.

Para Soares (2016), a faceta linguística foca nas habilidades individuais de linguagem, incluindo a compreensão de princípios linguísticos como gramática e ortografia. A dimensão interativa destaca a importância das interações sociais na prática de leitura e escrita, proporcionando oportunidades para construir significados em contextos sociais.

Por fim, a faceta sociocultural considera o contexto cultural, histórico e social mais amplo que influencia as práticas de letramento, reconhecendo as influências culturais e institucionais sobre a linguagem escrita. Juntas, essas facetas oferecem uma compreensão complexa do letramento, reconhecendo sua multidimensionalidade e diversidade de influências. Também é possível mencionar que o processo de letramento é favorecido pela combinação das facetas interativa e sociocultural.

Sobre a faceta linguística, de acordo com Soares (2016, p. 29), seu “objeto de conhecimento é a apropriação do sistema alfabético-ortográfico e das convenções da escrita”. Em vista disso, destaco a observação feita a partir do processo de transição das letras do alfabeto, no dia 08/05/2023. A professora informou que a turma está no processo de transição da letra maiúscula para a minúscula e que muitos estudantes ainda estavam com dificuldades em reconhecer as letras do alfabeto tanto no processo de leitura quanto no processo de escrita.

Sobre isso, Soares (2016, p.8) afirma que “é preciso que a criança reconheça que as letras são usadas para visualizar a fala. Quando a professora fala “vou escrever aqui essa parlenda que nós cantamos”, a criança vai reconhecendo as letras como algo que representa o som das palavras.” Da mesma forma, a criança “tem de reconhecer as letras também enquanto um conjunto de traços e círculos, que são arbitrários”. (p.8)

Outro ponto importante é entender que,

[...] para a criança, no primeiro momento, a letra é um objeto como qualquer outro. Mas os objetos são simétricos: se você vê uma xícara com a asa para o lado de cá e a boca para cima,

é uma xícara. Você pode virar para o outro lado, continua sendo uma xícara. A letra não é assim. Se você toma um 'p' minúsculo, vira para o lado, vira um 'q', vira para cima, vira um 'd'. Para a criança, é difícil desconsiderar a simetria dos objetos. As letras não são simétricas (Soares, 2016, p.8).

Em uma conversa informal, a professora comentou que não entende porque as crianças aprendem primeiro a letra maiúscula e depois passam para a minúscula, pois acredita que isso dificulta o processo de aprendizado da criança. Segundo ela: “seria mais fácil a criança aprender logo a letra cursiva, porque assim não fica alternando entre uma letra e outra. “Em uma escola particular em que trabalhei, o ensino começava logo pela letra cursiva” (Professora colaboradora, 2023). Porém, alguns estudos indicam que quando a criança ainda não está alfabética, o ensino da letra de imprensa é o mais indicado para, depois, sistematizar a letra cursiva.

A respeito desse processo didático, Soares (2016, p.8) afirma que

começa-se a alfabetização sempre, em geral, com as letras maiúsculas, porque elas são mais fáceis para a criança traçar. E elas são independentes uma da outra: a criança vê cada letra, o que não acontece na cursiva, em que as letras ficam emendadas. Mas a minúscula não pode ser deixada de lado, porque a escrita é quase toda em minúscula; a maiúscula é para certos casos.

Além do fato da letra cursiva ser um modo pessoal de grafar as letras, é fundamental que a criança se familiarize com os dois tipos de letras do alfabeto para fazer essa relação com a letra maiúscula e minúscula, sendo que cada uma tem a sua especificidade.

Primeiro, aprender a letra de imprensa por ser independente, como explica Soares e, depois, por estar visível em todos os espaços sociais por onde a criança transita: mercado, padaria, posto de saúde, camisetas, panfletos, outdoors, etc.

Um exemplo da faceta linguística ocorreu na prática da professora durante a aula de campo proposta por ela. Ainda em sala de aula, antes de levar as crianças a campo, a professora leu a história do “O Menino Que Aprendeu A Ler”, da autora Ruth Rocha. É a história de um menino chamado João que não sabia ler. Ao entrar na escola, ele começa a entender o mundo literário que existe na cidade, nas ruas e em sua casa. Tudo isso desperta sua curiosidade de João e o impulsiona a buscar novos conhecimentos. A professora escolheu esse livro como exemplo para incentivar os estudantes a serem curiosos e observarem tudo o que pudessem durante a aula de campo.

Após a leitura da literatura, a professora foi com os estudantes às ruas próximas à escola para ler alguns nomes expostos em estabelecimentos comerciais e na igreja. A professora mostrou os diferentes tipos de letras encontradas. Por exemplo, ela parou em frente à igreja “Congregação Cristã no Brasil” e perguntou às crianças:

Professora: “Qual é a forma da letra escrita na fachada da igreja, bastão ou cursiva?”
Alunos: “bastão”.

Em seguida, passou em frente ao estabelecimento que vende gás e perguntou:

Professora: “que nome está escrito aqui?”
Dois alunos responderam: “Brasil gás”.

A professora parabenizou pelo acerto e continuou andando. Enquanto caminhavam, a professora explicava que a leitura faz parte do nosso cotidiano e para aprender a ler, além das atividades da escola, as crianças poderiam fazer esses treinos quando estiverem passando pelas ruas também, lendo placas de comércio, de trânsito e também nomes de praças.

Logo após, parou em frente à casa lotérica e perguntou que nome estava escrito. Nesta, a professora ajudou as crianças a ler o letreiro. Explicou que nesse nome existem dois tipos de letras, a maiúscula e a minúscula. E explicou que, em início de frase, inicia com a letra maiúscula.

Por fim, voltaram para a escola e, na sala de aula, a professora perguntou aos estudantes quais nomes eles conseguiram ler, em seguida pediu que escrevessem em seus cadernos os nomes dos estabelecimentos lidos.

A professora procurou articular o trabalho da leitura do texto literário com a aula de campo e a atividade de escrita ao retornar para a escola. Quando retornaram para sala, a professora pediu que os estudantes abrissem os cadernos e escrevessem alguns nomes de estabelecimentos que eles leram no momento que estavam na aula de campo.

Nessa situação, a professora fez o uso da apropriação do sistema alfabético ortográfico definido na faceta linguística. Desse modo, adquirir familiaridade com variados estilos de letras é igualmente essencial para compreender o sistema de escrita, o que, por sua vez, está vinculado à dimensão linguística do processo de alfabetização.

Outro dia trabalhado pela professora em perspectiva das facetas da alfabetização foi no dia 08/05/2023, quando a professora relembrou a história contada no pátio para todas as turmas da escola, no primeiro horário de aula. O nome da história foi “A criação do mundo”. A professora explicou a teoria da criação do mundo por meio de duas explicações: a instituída pela bíblia, em que relembrou a partir de imagens sobre o que foi criado durante 7 dias e a do Big Bang.

Por meio de recursos visuais feitos pela professora em material de EVA, ela apresentou primeiro o desenho da luz e da noite, explicando que primeiro Deus criou a diferença do dia e da noite. Depois mostrou um desenho do céu e da água para representar o segundo dia. Em seguida, apresentou a terra, as árvores e os frutos para caracterizar o terceiro dia. Para o quarto dia, exibiu o desenho do sol e da lua. Marcou o quinto dia com a representação por meio dos peixes para a multiplicação e povoação da terra. Para identificar o sexto dia, mostrou desenho de pessoas para simbolizar os primeiros indivíduos a povoarem a terra. Findou a explicação, dizendo que o sétimo dia foi para o descanso.

A outra teoria apresentada foi a do big bang, utilizando o recurso de uma bexiga para representar a explosão. Enfatizou para as crianças que esse assunto está relacionado com o tema que está trabalhando durante o mês de maio, “família”.

A contação das histórias e o uso dos recursos visuais prenderam a atenção dos estudantes, fazendo eles ficarem encantados com os desenhos mostrados pela professora e surpresos com o estouro do balão.

Nesse momento de atividade “timidamente” prevaleceram as facetas interativa e sociocultural. Isso porque a atividade envolveu a transmissão de conhecimentos e valores culturais, como as diferentes teorias de origem do mundo (a teoria bíblica da criação e a teoria do Big Bang) e a importância cultural dessas narrativas na compreensão da sociedade e da história humana. Além disso, a professora relacionou o tema da atividade “A criação do mundo” com o tema do mês “família”, destacando a interconexão entre diferentes aspectos culturais e sociais.

O uso de recursos visuais e narrativas também contribuiu para a interação entre os alunos e a construção compartilhada de significados. Houve interação da professora com as crianças, assim como das crianças entre si, ao lembrarem sobre os dias da criação do mundo e ao afirmarem que já ouviram a contação daquela história na igreja. Esse diálogo entre a narrativa apresentada na escola e as experiências pessoais das crianças enriqueceu o entendimento do conteúdo e fortaleceu a conexão entre os alunos e suas vivências culturais.

Embora a contação de histórias fosse importante, percebi que faltou à professora uma atividade que relacionasse a história contada. Ao final da narrativa, ela pediu para os alunos pegarem o livro didático para realizar uma atividade que, no entanto, não tinha conexão com a história do dia.

É importante ressaltar que Soares (2004) destaca que a alfabetização se dá através de dois processos simultâneos: a aquisição do sistema convencional de escrita e a participação em práticas sociais que envolvem a leitura, como narrar uma história. Ela enfatiza que essas práticas devem estar integradas ao aprendizado dos sons e das letras. Segundo a autora, é crucial compreender a distinção e a importância desses dois processos para alcançar resultados eficazes na alfabetização.

Em suma, observamos que a narração de histórias é uma atividade que pode contribuir significativamente para a alfabetização das crianças, pois estas tendem a aprender a ler e escrever com mais facilidade quando inseridas em contextos significativos, ao invés de apenas lidar com

letras e sílabas desconectadas.

A respeito da contação de história, Lourenço (2015) discorre que

A contação de história é um instrumento lúdico, que quando ligado a ferramentas pedagógicas visuais, tornam a prática ainda mais didática, com alto poder de alcance. Nesse sentido, ele contribui não só para a organização do pensamento do sujeito, como também desenvolve a criatividade, estimulando seu imaginário, possibilitando novos conhecimentos sendo então uma ferramenta prazerosa capaz de desenvolver no outro a autonomia, reflexão e pensamento crítico (p.15).

Desta forma, as adaptações dos meios de ensino refletem em uma ação que facilita o processo interventivo ao aproximar-se da realidade do estudante e criar um ambiente de apoio para a aprendizagem.

Considerações finais

Este trabalho teve início com a análise das pesquisas que exploram a alfabetização na perspectiva do letramento, buscando compreender como essas pesquisas podem enriquecer a reflexão sobre as práticas de leitura e escrita no ensino da língua materna. Esta fase inicial proporcionou-me uma compreensão mais profunda do processo de alfabetização, acrescentando significativamente ao meu conhecimento e entendimento sobre o tema.

Considerando essa abordagem, levei em conta o embasamento teórico presente em obras tanto físicas quanto digitais, as quais contêm pesquisas significativas relacionadas ao tema em questão.

O objetivo geral foi analisar como ocorrem as práticas pedagógicas de leitura e escrita desenvolvidas em uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental. Um dos objetivos específicos foi descrever e analisar as práticas de leitura e de escrita desenvolvidas pela professora.

A prática de leitura e escrita conduzida pela professora colaboradora, conforme examinada nos estudos realizados, demonstra um compromisso evidente com o processo de alfabetização de seus alunos. Embora as estratégias e metodologias adotadas sejam significativas, é importante considerar que ainda existem algumas lacunas a serem superadas. Especificamente, é interessante avançar na promoção de situações que incentivem os alunos a se engajar socialmente por meio da escrita de maneira mais efetiva e adequada. Isso implica ir além das práticas mecânicas, que se limitam ao uso do livro didático, e criar oportunidades que permitam uma interação mais ampla e significativa com a linguagem escrita.

É importante ressaltar que os dados desta pesquisa identificam que as intervenções pedagógicas que promovem a leitura e a compreensão de textos indicam uma abordagem que vai além do ensino da decodificação de palavras. Ao trabalhar com estratégias antes, durante e após a leitura, é possível proporcionar aos alunos oportunidades para criar hipóteses, fazer previsões e, conseqüentemente, construir significados, contribuindo para a formação de leitores competentes e críticos.

Esse desafio se amplia diante da necessidade de os professores possuírem conhecimentos essenciais para lidar com as propostas curriculares para o ensino da língua materna no Brasil. Estas propostas estão estruturadas em torno de diferentes eixos didáticos, como “leitura”, “produção de textos escritos”, “oralidade” e “análise linguística”. (Costa, 2018)

A partir deste estudo, pude observar que a professora colaboradora articula diversos conhecimentos, conforme descrito por Soares (2016), que são essenciais para promover a alfabetização e o letramento. Ela não apenas integra os aspectos fundamentais da alfabetização, como a compreensão da consciência fonológica e o domínio do sistema alfabético, mas também, “timidamente”, facilita a participação interativa das crianças em atividades socioculturais tanto dentro quanto fora do ambiente escolar. Essa abordagem abrangente não só contribui para o desenvolvimento linguístico das crianças, mas também para sua integração na sociedade de forma mais ampla.

Referências

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002. Disponível em: <https://ia802902.us.archive.org/8/items/bardin-laurence-analise-de-conteudo/bardin-laurence-analise-de-conteudo.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2023.
- COSTA, H. C. V. **Mão guiando mãos: o trabalho pedagógico com a produção textual de crianças do 2º ano do Ensino Fundamental no município de Fortaleza - UFC**. 2018. 126f. - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/36807>. Acesso em: 22 março 2023.
- DOOLEY, L. M. Case Study Research and Theory Building. *Advances in Developing Human Resources [Pesquisa de estudo de caso e construção de teoria. Avanços no Desenvolvimento de Recursos Humanos]* (4), 335-354, (2002).
- FERREIRO, E. **Reflexões sobre a alfabetização**. Tradução Horário Gonzales et. al. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 14)
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- GUERRA, E. L. A. **Manual de Pesquisa Qualitativa**. Belo Horizonte: Grupo Ânima Educação, 2014.
- LOURENÇO, W. B. **O recurso visual como instrumento facilitador na contação de história para surdos**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal da Paraíba. 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/1148/1/WBL16092016.pdf>. Acesso em: 01 abril 2023
- LUDKE, M.; ANDRE, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, SP: Pedagógica e Universitária Ltda, 1986. 99p.
- MORTATTI, M. R. L. Os sentidos da alfabetização: São Paulo – 1876/1994. São Paulo: Ed. UNESP: Brasília: MEC/INEP/COMPED, 2000. In. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. Disponível em: <http://smec.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-alfabetizar-letrar/lecto-escrita/artigos/historia%20dos%20metodos%20de%20alfabetizacao%20no%20brasil.pdf>. Acesso em: 30 Abr. 2022.
- SANTOS, A. R. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- SOARES, M. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. *Revista Brasileira de Educação*, n. 25, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>. Acesso em: 10 fev 2023.
- SANTOS, A. R. **A reinvenção da alfabetização**. *Presença Pedagógica*. Belo Horizonte, 2004, v. 9, nº 52, p. 1-7.
- SANTOS, A. R. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo, Contexto, 2016.
- SANTOS, A. R. **Alfalettrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020. 352 p.
- TFOUNI, L. V. **Letramento e alfabetização**. 8 ed. São Paulo, Cortez, 2006.
- TOZONI-REIS, M. F.C. **Metodologia da Pesquisa**. 2 ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A. 2009.

Recebido em 19 de maio de 2024.
Aceito em 11 de agosto de 2024.